



FLO
RES
TAR

ÁREAS VERDES EDUCADORAS

VEREDAS URBANAS

SESC
RIBEIRÃO
PRETO

Sesc

PELAS VEREDAS URBANAS

Atualmente, a maior parte das populações humanas vive nas cidades. Garantir a coexistência de todas as formas de vida em um sistema tão diverso e intensamente transformado representa um enorme desafio social e ambiental.

A presença de áreas verdes em ambientes urbanos corresponde, por sua vez, à possibilidade de integrar natureza e espaço construído, propiciando ambientes mais saudáveis e, ademais, estimulando uma relação qualificada com o meio ambiente por meio do lazer, da experiência sensorial, da convivência e do intercâmbio de saberes.

Perceber a natureza em meio à cidade, com sua flora e fauna em constante movimento e adaptação, nos leva a sentir a urbe de maneira mais viva. Nossos trajetos rotineiros podem, nesse sentido, propiciar surpreendentes descobertas. Além disso, caminhar pela praça do bairro, zelar por uma árvore plantada na calçada, sentir o frescor da mata ou observar as plantas que crescem espontaneamente nas ruas religa-nos à natureza, tanto pelo encantamento como pelo conhecimento.

É com esse olhar que o Sesc reforça, no âmbito do projeto Florestar, seu compromisso com a sustentabilidade, buscando efetivar o potencial educador das áreas verdes urbanas. Para isso, lança mão de ações e materiais voltados à sensibilização para esses aspectos, como é o caso deste guia, dedicado às árvores presentes nas praças do centro de Ribeirão Preto. Nessa travessia, cada pessoa é convidada a observar a natureza, as espécies de árvores e as demais vidas que com elas interagem. Esse exercício pode se beneficiar, ainda, do entendimento de que somos capazes de intervir na realidade e que, portanto, é possível viabilizarmos cidades mais verdes e saudáveis.

APRESENTAÇÃO

O Veredas Urbanas Ribeirão Preto convida as pessoas a visitarem as praças do Quadrilátero Central da cidade – Praça Carlos Gomes, Praça XV de Novembro, Praça das Bandeiras, Praça da Catedral, Praça Sete de Setembro e Praça Luís de Camões – para conhecerem as árvores que lá se encontram, especialmente aquelas que são espécies nativas do bioma da Mata Atlântica, vegetação antes predominante no município de Ribeirão Preto. Apenas a zona leste e a porção nordeste do município são áreas de ocorrência original do bioma Cerrado.

Com este guia, propõe-se sensibilizar a sociedade ribeirão-pretana para a beleza e importância de algumas árvores representantes de nossas florestas originárias. Acredita-se que deste modo ampliaremos o valor da arborização e quiçá estimularemos a mobilização social em torno de sua conservação. Como consequência, poderemos, coletivamente, obter o desejado aumento da cobertura vegetal urbana e rural; atributo essencial para o enfrentamento das mudanças climáticas e a manutenção da qualidade de vida.

Arvore-se! É o chamamento que traz um duplo sentido – arborizar, plantar e pôr a prumo, levantar, empinar –, significando dois atos importantes diante da emergência climática em nosso planeta. Mudanças bruscas no ritmo do clima ao qual estávamos acostumados afetam nosso dia a dia e a sobrevivência de todos os seres vivos.

BREVE CONTEXTO HISTÓRICO, GEOGRÁFICO E SOCIOECONÔMICO

Ribeirão Preto está localizado na região nordeste do estado de São Paulo, a 313 km da capital. Situa-se nas bacias hidrográficas dos rios Pardo e Mogi-Guaçu, e possui área de 652 km². Metade da área do município se constitui em área urbana ou de expansão urbana. Possui típico clima tropical com primavera-verão chuvosos e elevadas temperaturas, e outono-inverno secos, período bem-marcado de escassez de chuvas e temperaturas mais amenas. O relevo é plano ou suavemente ondulado, com altitudes que variam de 480 m a 800 m. A cidade está localizada em uma depressão local, o que restringe a circulação dos ventos e facilita a concentração de poluentes e calor no espaço urbano.

Ribeirão é conhecido como uma cidade muito quente. É bem verdade que temperaturas altas são frequentes, sobretudo quando não chove, mas não é verdade que seja assim todos os dias e no decorrer do ano todo. Além das características geográficas que configuram o clima local e regional, o tamanho e o modelo do sítio urbano favorecem a instalação de ilhas de calor em muitos dias ao longo do ano. A conversão das terras de matas e cerrados para o cultivo agrícola e a urbanização intensifica essa condição climática, às vezes pouco hospitaleira.

A cidade é conhecida como a capital brasileira do agronegócio, tendo recebido este título em maio de 2004 pela Prefeitura Municipal e por outras instituições ligadas ao circuito econômico local. Possui o privilégio de ser abastecida 100% pelas águas subterrâneas do Aquífero Guarani. Quase a totalidade de sua população – aproximadamente 720.000 habitantes –, vive na área urbana. Esta apresenta uma diferença socioeconômica entre os cinco grandes setores

urbanos da cidade. As zonas norte e partes das zonas oeste e leste concentram os bairros mais pobres e com o maior número de moradias sem saneamento básico. As zonas sul e central são mais estruturadas, inclusive com mais áreas verdes.

A região onde atualmente encontramos a cidade de Ribeirão Preto foi habitada originalmente por dezenas de etnias indígenas, sendo que os indígenas do povo Mebêngôkre, também conhecido como Kayapó, pertencentes ao grupo linguístico Jê ou Tapuia, foram os primeiros moradores. Como grupos seminômades, os indígenas Kayapó viviam da caça, da pesca, da coleta de mel e frutas silvestres e cultivavam pequenas plantações e roças de milho e mandioca em meio a florestas e campos. Além disso, confeccionavam utensílios para o trabalho e objetos de cerâmica. A cidade, fundada em 1856, surgiu como povoamento Kayapó-Bandeirante na rota dos bandeirantes a caminho de Goiás, em busca de ouro e de indígenas para serem escravizados. A fim de suprir o abastecimento de alimentos para a população, a atividade mineradora estimulou a expansão da pecuária e da agricultura de subsistência, resultando, desta frente de expansão, a criação de núcleos urbanos e cidades. Nesta época, já não havia mais indígenas, que foram exterminados, escravizados ou expulsos nos séculos XVII e início do XVIII. Os grupos étnicos presentes na fundação de Ribeirão nesse período eram formados por brancos de origem europeia e negros escravizados de origem africana. Esses negros escravizados foram trazidos para o Brasil em várias fases, mas foi a última fase da escravidão que mais deixou marcas culturais no país. São oriundas dos negros das etnias jeje e nagô-iorubá, vindos da costa ocidental da África (principalmente Senegal, Gâmbia e Nigéria).

Há um fato curioso: entre 1879 e 1880, a cidade de Ribeirão Preto foi chamada de Vila de Entre Rios, por estar localizada entre os rios Pardo e Mogi-Guaçu. Entretanto, a população não aceitou a nova nomenclatura e, em 1881, foi restabelecida a primeira denominação: Ribeirão Preto (ROSSINI, 2021).

Entre os séculos XIX e XX, a produção cafeeira gerou grande riqueza na cidade, que ficou conhecida como a Capital do Café, trazendo a ferrovia e uma rápida expansão urbana. Ainda no século XX, os preços do café despencaram no mercado internacional, levando o setor agrícola a migrar para outros cultivos, destacando-se o cultivo extensivo da cana-de-açúcar, que teve larga expansão na década de 1970 em virtude da crise do petróleo. Com o aporte governamental de investimento na produção de álcool combustível (Programa Nacional do Álcool, criado em 1975), o novo ciclo econômico impulsionou a agroindústria local e regional. Ao longo das décadas seguintes, as atividades terciárias foram se consolidando como setor de dinamismo da cidade, tornando Ribeirão Preto um dos principais polos econômicos do estado de São Paulo.

A despeito do desenvolvimento agroindustrial, do robusto setor de serviços e do acúmulo de capital financeiro, destacado por seus indicadores econômicos positivos, o modelo de desenvolvimento pautado na exploração predatória dos bens naturais e em relações de trabalhos injustas e precárias na origem da cidade permanece até os dias de hoje.

Atualmente, os setores da construção civil e da agroindústria comercial de exportação mantêm o capital concentrado e colaboram para acentuarem as desigualdades evidenciadas no espaço urbano: de um lado, espaços de alta renda, providos com equipamentos urbanos e infraestrutura; de outro lado, bairros populares com infraestrutura deficitária e assentamentos pobres, ou mesmo favelas, que já somam mais de cem aglomerados. A ocupação segregada do território da cidade e a distribuição desigual de renda e condições de vida para a população menos favorecida revelou a vulnerabilidade socioambiental desse modelo de desenvolvimento.

PAISAGENS NATURAIS

Ribeirão Preto situa-se na Bacia Sedimentar e Magmática do Rio Paraná, que abrange todo o Centro-Sul do Brasil, o Norte do Uruguai, o Nordeste da Argentina e o Leste do Paraguai. Ribeirão Preto e as cidades da região estão assentadas sobre as rochas das formações geológicas Piramboia, Botucatu e Serra Geral.

No Triássico (250 a 200 milhões de anos) da Era Mesozoica, quando a separação do supercontinente Gondwana tinha início, ocorreu uma grande regressão do mar e transformação do clima para uma condição seca. A porção continental tornou-se desértica. O primeiro ciclo de sedimentação ocorreu em ambiente de lagos e rios pela ação da água e do vento, que deram origem aos arenitos da Formação Piramboia. Em seguida, com o clima mais árido, toda a região tornou-se um deserto. O segundo ciclo de sedimentação se deu somente com a ação do vento em sucessivos campos de dunas. Assim, surgiram os arenitos da Formação Botucatu. Por possuírem grande porosidade, conseguiram ao longo do tempo armazenar imensa quantidade de água.

O Aquífero Guarani é o reservatório de águas que preenchem os poros destes dois arenitos: Piramboia e Botucatu. Ribeirão Preto é a maior cidade brasileira a utilizar 100% da água de abastecimento proveniente deste aquífero, que oferece água de excelente qualidade para a população. Incalculável bem natural que requer política pública de uso racional, dada a exploração atual insustentável.

Na cidade, os afloramentos do arenito Botucatu ocorrem nas zonas leste e norte. Essas são as zonas de recarga, onde parte da água de chuva infiltra profundamente e reabastece os poros da rocha. Se essa parte da cidade é pavimentada, o reabastecimento não ocorre. Então, surge um rebaixamento do nível de água do aquífero, já que se retira grande quantidade para o uso da população que não é reposto pela água pluvial.

A Formação Serra Geral também se formou na Era Mesozoica, mas no Período Cretáceo. Por volta de 130 milhões de anos atrás, um intenso vulcanismo cobriu de lava o extenso deserto Botucatu, formando a maior província magmática do planeta. As rochas basálticas foram formadas a partir do rápido resfriamento das lavas. É o basalto que aflora em grande parte do município, sobretudo nas porções central, sul e oeste. É muito fácil observá-lo in natura, basta ir até qualquer antiga pedreira da cidade como, por exemplo, os parques Curupira e Luiz Carlos Raya. Os paredões de rocha preta são oriundos de lava de vulcão que emergiu por fissuras de camadas geológicas inferiores.

A decomposição lenta e gradual do basalto resulta em solos férteis, argilosos e avermelhados, pois são ricos em óxido de ferro. A chamada terra roxa é na verdade terra rossa – expressão italiana para terra vermelha. Vale ressaltar que esses solos abrigaram exuberantes florestas que foram suprimidas em larga escala com o ciclo econômico do café – um produto comercial de exportação.

As duas fisionomias florestais que se desenvolveram e evoluíram em nosso território estão diretamente relacionadas à condição do solo, ambas pertencentes ao domínio ou bioma da Mata Atlântica.

Nas porções acidentadas do relevo – morros e encostas –, onde os solos são rasos e o basalto está muito próximo da superfície, encontra-se a floresta decidual. São matas formadas por espécies que perdem totalmente as folhas no período seco do ano (outono-inverno), pois o solo raso não reserva água suficiente para abastecer a vegetação. A estratégia de perder as folhas resulta na diminuição da perda de umidade para a atmosfera, já que a transpiração ocorre principalmente pela abertura de estruturas (estômatos) situadas na epiderme da folha.

Nas porções onde o relevo é mais suave, os solos avermelhados são profundos e sustentam a floresta semidecidual. São matas formadas por uma enorme variedade de espécies que perdem parcialmente as folhas no período seco do ano, para que não ocorra um estresse hídrico. No período mais úmido (primavera-verão), mantêm-se exuberantemente verdes, repletas de folhas. Por esta condição essencialmente relacionada às duas grandes estações climáticas do ano, também são denominadas florestas estacionais.

Para esta edição do Veredas Urbanas foi priorizada a escolha de espécies arbóreas existentes nas praças centrais – Praça Carlos Gomes, Praça XV de Novembro, Praça das Bandeiras, Praça da Catedral, Praça Sete de Setembro e Praça Luís de Camões –, nativas destas duas fisionomias de vegetação. Assim, fez-se uso do conceito de espécie nativa regional. Como a região central da cidade está assentada sobre o basalto, não se optou por selecionar espécies de Cerrado, que também ocorre no município, mas sob o arenito Botucatu.

A cidade deve criar resiliência urbana, criar uma capacidade de resistir e se regenerar diante da degradação ambiental e dos desastres climáticos. Esse pressuposto norteará as grandes mudanças urbanísticas pelas quais Ribeirão Preto e todas as cidades do país deverão passar. A emergência climática decorre do aquecimento global e solicita nossa capacidade de sermos solidários com aqueles que mais sofrem com seus impactos, bem como com as gerações futuras, tendo o compromisso de transpor esse incommensurável desafio civilizatório.

Embora chova bastante em um período do ano – final da primavera e verão –, Ribeirão Preto é uma cidade árida. A experiência de sua construção desde a segunda metade do século XIX tem demonstrado os impactos negativos da interferência humana sobre os processos e atributos naturais. A excessiva impermeabilização do solo aliada à remoção da vegetação natural e naturalizada é o maior impacto ambiental desse modo de fazer a cidade.

Outro impacto negativo é o modelo de drenagem urbana. Constrói-se um sistema de canais de concreto para remover com rapidez e para bem longe a água da chuva que cai sobre a cidade. As obras de retificação e canalização dos cursos d'água ainda ganham destaque nas gestões municipais brasileiras. Os grandes volumes de água pluvial são formados devido ao excesso de asfalto e cimento, pois a água não infiltra no solo. Assim, não reabastece os lençóis e aquíferos. Pisos drenantes e espaços permeáveis deveriam ser priorizados em obras públicas e privadas. A água precisa permanecer no ecossistema urbano para que se mantenham as diferentes formas de vida.

O desafio é conduzir da aridez para a umidade. Da queimadura para o frescor. Da exploração desenfreada dos recursos naturais para a conservação da biodiversidade, práticas cuidadosas com o meio ambiente e o respeito a todas as formas de vida, chamando a atenção para a potencialidade regenerativa dos ecossistemas.

As veredas mineiras, baianas e goianas que inspiraram Guimarães Rosa a escrever um dos melhores romances da literatura brasileira – Grande Sertão: Veredas – são os oásis do Cerrado. Trata-se de vales rasos muito úmidos onde o solo permanece encharcado. Uma vegetação típica de espécies arbustivas e herbáceas se estabelece nestes locais, sendo o buritizal sua expressão mais bela e conhecida. Em Ribeirão Preto, não deixe de conhecer os belos exemplares da palmeira buriti (*Mauritia flexuosa*) no Parque Tom Jobim.

As seis praças localizadas no Quadrilátero Central da cidade são verdadeiros oásis em meio à intensa urbanização. As praças Carlos Gomes, XV de Novembro, Luís de Camões, das Bandeiras, da Catedral e Sete de Setembro funcionam como “piscinas” em dias quentes e secos. Abrigar-se sob a copa de grandes árvores é um refresco para quem caminha pelo centro da cidade. Nossas praças são nossas veredas!

De acordo com o Censo Arbóreo de Ribeirão Preto, a cidade possui atualmente 12,7% de sua área urbanizada coberta por vegetação de porte arbóreo e arbustivo. O recomendado é, no mínimo, 40%. O Quadrilátero Central possui apenas 3,4% de sua área com plantas arbustivas e arbóreas, o que se caracteriza como uma condição de deserto, segundo a literatura especializada.

Conhecer, valorizar e proteger as árvores do centro de nossa cidade é o maior objetivo do Veredas Urbanas. Ao visitar, nas praças centrais e no Sesc, as 22 espécies selecionadas por nós para representarem todas as demais, você terá dado um passo – um passeio – para valorizar e proteger o verde de nossa cidade. Porque a paisagem somos nós que fazemos. Arvore-se!





GUIA DE ÁRVORES

Andá-açu	16
Alecrim-de-campinas	18
Caroba	20
Chichá	22
Farinha-seca	24
Ipê-amarelo	26
Ipê-amarelo-cascudo	28
Ipê-branco	30
Ipê-roxo-de-bola	32
Ipê-roxo-de-sete-folhas	34
Jacarandá-da-Bahia	36
Jatobá	38
Jequitibá-branco	40
Jequitibá-rosa	42
Jerivá	44
Paineira	46
Pau-brasil	48
Pau-d'alho	50
Pau-ferro	52
Peroba-rosa	54
Sapucaia	56
Sibipiruna	58

ANDÁ-açu

Joannesia princeps

Família: Euphorbiaceae

Período de floração: julho a setembro

Altura na fase adulta: superior a 20 m

Árvore de grande porte. O tronco é castanho-claro com linhas e nervuras entrecortadas. Possui folhas grandes, com três a cinco folíolos em formato ovalado. As flores são esbranquiçadas e formam pequenos cachos. Os frutos são bolas grandes e pesadas que contêm quatro sementes. As sementes são alimento para os animais. As cotias são importantes dispersoras desta espécie, daí o nome popular "cotieira" ou "cutieira".

Nativa do bioma Mata Atlântica, ocorre nas florestas próximas ao litoral e interior do país, nas regiões Nordeste e Sudeste. Também é encontrada na restinga e cerradão. Em Ribeirão Preto, são conhecidos vários exemplares adultos no Bosque Municipal "Fábio Barreto".

As suas sementes fornecem um óleo com propriedade purgativa. Na medicina popular, a partir da casca, das folhas e dos frutos é extraído o óleo usado em emplastros, na cicatrização de feridas e como antitérmico. O óleo da castanha é usado na fabricação de sabão, tintas, vernizes, azeite e como lubrificante de automóveis.



ALECRIM-DE- -campinas

Holocalyx balansae

Família: Fabaceae – Caesalpinoideae

Período de floração: outubro-novembro

Altura na fase adulta: superior a 20 m

Espécie típica de florestas bem-sombreadas, úmidas e maduras. Prefere solos férteis. Originária do bioma Mata Atlântica, com ocorrência predominante em regiões de clima subtropical. É encontrada naturalmente nas matas de nossa região, inclusive nativa no Parque Municipal do Morro de São Bento.

Árvore de grande porte, tem o tronco sulcado e fenestrado, ou seja, possui sulcos tão grandes como se fossem janelas. Essa característica ajuda bastante na identificação da espécie.

A madeira é muito dura, resistente, e foi muito utilizada por indígenas para fazer flechas e tacapes. Usada também para fazer bengalas e rodas de carroças.

A copa é perenifólia e globosa quando se desenvolve isoladamente na paisagem. As flores são de um amarelo pálido e podem desabrochar mais de uma vez por ano. O fruto é de cor verde, carnoso e possui uma ou duas sementes. Morcegos adoram saborear os frutos do ibirapepê.

O uso em praças, canteiros de avenidas e calçadas largas é recomendado. Tem sido pouco empregado na arborização das cidades paulistas. Podemos encontrar o alecrim-de-campinas nas praças centrais de Ribeirão, sobretudo na Luís de Camões, na Sete de Setembro e na Catedral.

Há que se ter cuidado com possível intoxicação se as folhas forem ingeridas, pois contém ácido cianídrico.



caroba

Jacaranda cuspidifolia

Família: Bignoniaceae

Período de floração: setembro-outubro

Altura na fase adulta: 10 m a 12 m em média

Espécie muito ornamental em função da beleza de sua floração. No final de setembro as flores lilases preenchem a paisagem urbana de vida, que em anos mais secos aguardam sedentas as primeiras chuvas. A caroba é bastante confundida com o jacarandá-mimoso, espécie exótica, originária do Norte da Argentina, e muito empregado na arborização das cidades brasileiras.

Também conhecido como jacarandá, pois sua área de ocorrência natural são os estados de Minas Gerais e São Paulo, na floresta semidecídua da Bacia do Paraná e em formações florestais de transição para o Cerrado. É mais comum em formações secundárias, ou seja, onde já ocorreu intervenção humana na vegetação. É nativa do Parque Municipal do Morro de São Bento.

Exemplares jovens podem ser vistos nas praças XV de Novembro e na Sete de Setembro, porém é na Praça da Catedral onde se encontram os dois exemplares adultos mais bonitos. Pode ser mais utilizada na arborização de calçadas e em jardins internos residenciais, pois é uma árvore de médio porte com diâmetro de copa em torno de 12 m.

Os frutos da caroba são arredondados, achatados, em formato de cápsula e amadurecem nos meses de agosto e setembro no ano seguinte à floração.



chichá

Sterculia apetala

Família: Malvaceae

Período de floração: novembro a março

Altura na fase adulta: pode atingir até 25 m

Árvore imponente e elegante quando adulta. Sua copa se forma a partir dos 15 m de altura. Fornece uma sombra densa, ampla e perene ao longo do ano. Seu tronco forma sapopemas na base cuja função é sustentar a árvore. Possui folhas grandes coriáceas. As flores são amarelas com interior avermelhado. Os seus frutos chamam a atenção. São cápsulas grandes que quando maduras abrem-se espontaneamente e passam a ter forma de um trevo. Ao amadurecerem ficam avermelhados.

Na parte interna, encontram-se as sementes grandes e pretas, que são consumidas por animais e servem também como complemento alimentar para comunidades rurais.

Chichá significa “fruto semelhante a mão ou punho fechado”. Sua madeira é leve e por isso também é chamado de pau-de-boia, boia e pau-de-cortiça. Os chichás compreendem várias espécies e ocorrem em quase todos os biomas brasileiros. No Pantanal Matogrossense, é conhecido como manduvi. Como sua madeira é frágil, ocorre a queda de grandes galhos, formando ocos nas árvores adultas. Os casais de arara-azul-grande fazem ninhos nos ocos do manduvi.

O araxixá é encontrado em algumas matas da cidade, inclusive no Parque Municipal do Morro de São Bento. Nas praças Sete de Setembro e Carlos Gomes é possível ver esta árvore pouco conhecida da população.



FARINHA-SECA

Albizia niopoides

Família: Fabaceae – Mimosoideae

Período de floração: outubro a janeiro

Altura na fase adulta: entre 20 m e 25 m

Espécie elegante com grande potencial paisagístico. Na zona rural paulista é comum avistá-la nas pastagens onde são criados rebanhos bovinos. Nas cidades pode ser mais empregada na arborização de avenidas, trevos e praças. Sua beleza está diretamente ligada à cor amarelada do tronco e à altura e amplitude da copa.

O nome farinha-seca vem do fato de sua casca soltar um pó quando tocada, que gruda nas mãos. A experiência de tocar a casca pode ser explorada em atividades de educação ambiental para diferentes faixas etárias, já que esse contato não traz prejuízos a quem toca e nem à árvore.

A farinha-seca não tolera ambientes sombreados. Pode ser encontrada em florestas primárias, secundárias e em capões de mata. Sua ocorrência natural é no bioma Mata Atlântica, principalmente no interior dos estados de São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso do Sul.

As flores são pompons branco-amarelados e os frutos são vagens achatadas com sementes muito leves de cor castanho-claro. As raízes contêm saponinas – substância que se caracteriza por formar espuma e que pode funcionar como antioxidante e anti-inflamatório.

Na Praça Sete de Setembro há um belo exemplar dessa espécie. Faça uma visita e toque sua casca para provar um diferente contato com a natureza.



ipê-amarelo

Handroanthus vellosi

Família: Bignoniaceae

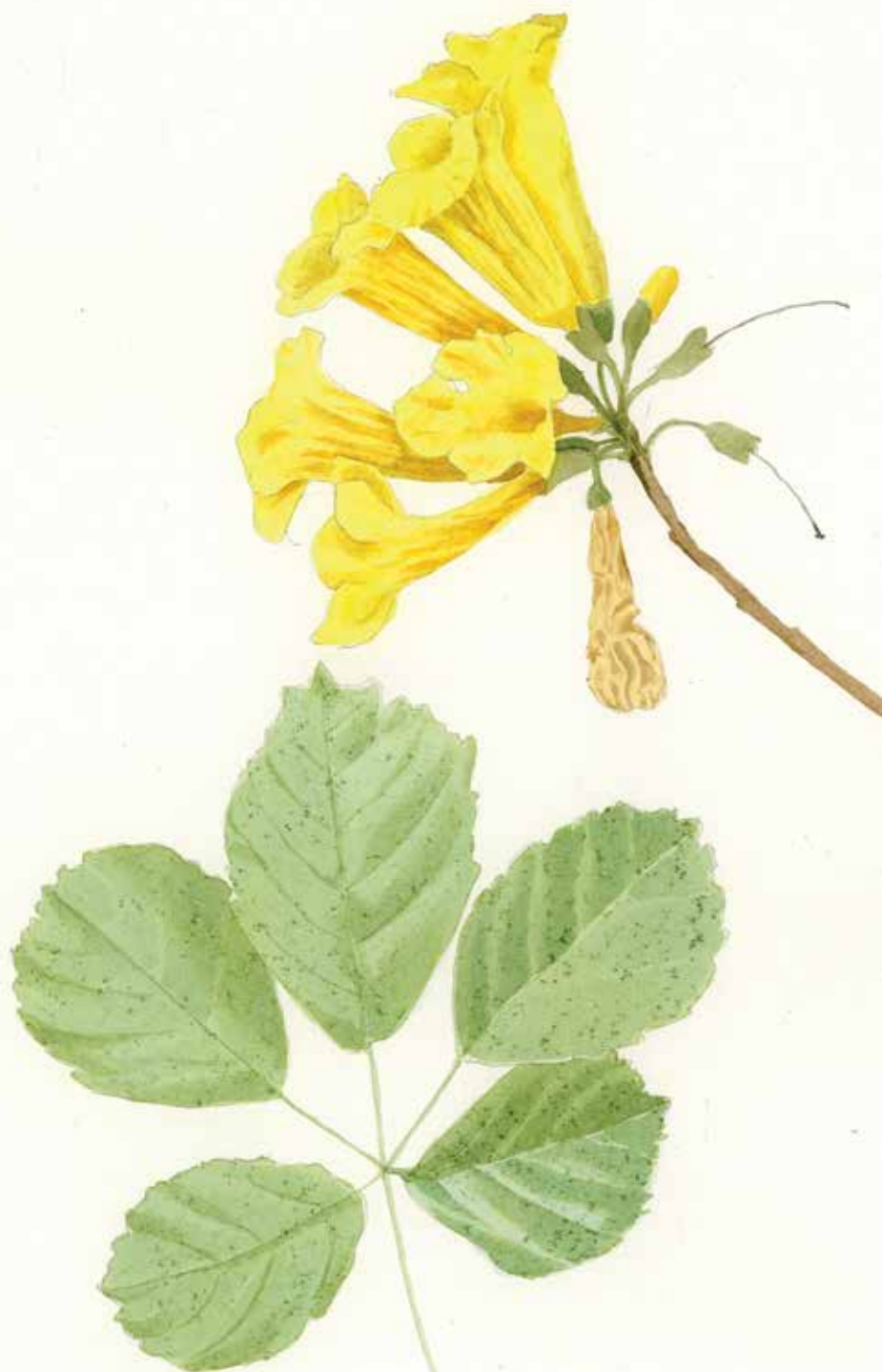
Período de floração: julho a setembro

Altura na fase adulta: entre 15 m e 20 m

Flor símbolo do Brasil. São várias espécies de ipê-amarelo nativas em nosso país, mas essa foi a escolhida para representar as diversas flores que alegam e embelezam nosso território. Acredita-se que seja por possuir a corola – conjunto de pétalas de uma flor – mais longa entre as espécies de ipês-amarelos. Seu florescimento é um espetáculo na paisagem urbana e rural.

Nativo do bioma Mata Atlântica, ocorre tanto na mata pluvial litorânea como na mata semidecídua, preferindo as maiores altitudes e as formações florestais primárias, ou seja, mais preservadas. São nativas dos estados do Rio de Janeiro, de São Paulo, de Minas Gerais, de Goiás e do Mato Grosso do Sul. A espécie perde as folhas no período seco do ano, época em que floresce, característica típica de todos os ipês. Os frutos são grandes vagens que carregam várias sementes leves e aladas. A dispersão natural se dá pelo vento, o que a define como uma espécie anemocórica.

Em Ribeirão Preto há um belíssimo exemplar localizado na Praça XV de Novembro, próximo ao relógio e bem em frente ao Teatro Pedro II. Essa árvore merece receber o status de imunidade de corte, sobretudo pela sua raridade, mas também pela localização, pelas dimensões biométricas e pela beleza.



IPÊ-AMARELO-cascudo

Handroanthus chrysotrichus

Família: Bignoniaceae

Período de floração: agosto e setembro

Altura na fase adulta: em média de 10 m a 12 m

Esta espécie de ipê-amarelo é a mais empregada na arborização urbana das cidades paulistas, sobretudo nas calçadas.

Acredita-se que seja pelo seu porte não ser muito grande.

É encontrada nas praças centrais e no Sesc Ribeirão Preto.

As folhas deste ipê são pilosas, ásperas e coriáceas. As flores são amarelas. A espécie é polinizada por pássaros, abelhas e vespas que se alimentam de néctar e pólen. Os frutos são em forma de vagens longas. As sementes são aladas e, por isso, disseminadas pelo vento. Produz anualmente uma enorme quantidade de sementes.

O tronco desse ipê é acinzentado e possui uma textura cascuda, daí a origem de seu nome popular mais conhecido.

As raízes são lenhosas e possuem a função de sustentar a parte aérea da árvore, bem como captar os sais minerais do solo.

O ipê-amarelo-paulista ocorre naturalmente na floresta pluvial atlântica, ou seja, próximo ao litoral. De Santa Catarina ao Espírito Santo, em matas secundárias da Mata Atlântica, sobretudo em encostas onde o solo é bem drenado, é provável a ocorrência dessa espécie.

Considerando seu rápido crescimento, é também empregada em reflorestamentos de áreas degradadas. A partir da germinação das sementes, em apenas seis meses é possível levar as mudas ao campo para o plantio definitivo.



IPÊ-BRANCO

Tabebuia roseoalba

Família: Bignoniaceae

Período de floração: agosto a outubro

Altura na fase adulta: em média de 10 m a 12 m

A floração do ipê-branco é muito marcante na paisagem de uma cidade. Seja pela beleza das flores brancas levemente rosadas com a árvore totalmente despida de folhas, seja pelo fato de ocorrer num breve espaço de tempo; no máximo, três dias. No entanto, não é incomum que esta espécie floresça mais de uma vez durante o ano. E que festa de pólen e néctar para abelhas, vespas e várias espécies de aves! Sua copa possui formato piramidal. Suas folhas são levemente pilosas de tom verde-azulado. É uma árvore de médio porte. Essas características conferem ao ipê-branco um potencial paisagístico muito grande, sobretudo para ser empregado na arborização de calçadas. Sombra, beleza estonteante e rusticidade numa única espécie! Os pedestres agradecem. Originário do bioma Mata Atlântica, o ipê-branco ocorre na floresta semidecídua nos estados de São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso do Sul. Prefere os solos rasos em topos de morros ou encostas íngremes, seja em matas primárias ou secundárias. Também há registros de sua ocorrência nos biomas da Caatinga e do Cerrado. Felizmente, temos muitos exemplares desta espécie na localidade. Na Praça da Catedral, atrás da igreja, pode-se observar belos ipês-brancos. Nas demais praças do centro da cidade eles também são encontrados.



IPÊ-ROXO-DE-BOLA

Handroanthus impetiginosus

Família: Bignoniaceae

Período de floração: maio a julho

Altura na fase adulta: 15 m em média

Preliminarmente, é importante saber que são várias espécies de ipê-roxo ou rosa, assim como de ipê-amarelo e de ipê-branco. O ipê-roxo-de-bola é o mais usado na arborização e no paisagismo das cidades do Sudeste e Centro-Oeste. Ocorre naturalmente nas florestas semidecidual e pluvial do bioma Mata Atlântica. Ocasionalmente, é encontrado no Cerrado. É uma espécie decídua ou caduca, ou seja, que perde todas as folhas no período da estiagem (seca). Suas flores se abrem formando bolas rosadas de tons claros a escuros. Não se trata da cor roxa, é certo. Diversas espécies de abelhas, vespas e pássaros se deliciam com a abundância de pólen e néctar em um único exemplar florido de pau-d'arco-roxo.

Nas cidades, sua altura média é de 15 m, mas, em seu ambiente natural, pode atingir até 30 m. Acredita-se que o ambiente urbano provoque alterações no desenvolvimento e na fenologia das árvores, por oferecer condições de solo, clima e qualidade do ar muito diferentes do ambiente natural. Os frutos são vagens que se abrem espontaneamente, permitindo que as sementes leves e aladas se dispersem com a ajuda do vento.

Nas praças Luís de Camões e Sete de Setembro são avistados belos exemplares desta espécie. Procure visitá-los no meio do ano e fazer belos registros fotográficos.



IPÊ-ROXO-DE- -SETE-FOLHAS

Handroanthus heptaphyllus

Família: Bignoniaceae

Período de floração: julho a setembro

Altura na fase adulta: 15 m a 20 m

Uma folha composta de sete folíolos. Todos eles com bordas serreadas, lisos e nervuras salientes. É dessa maneira que podemos identificar esta espécie, ou seja, a partir das características morfológicas de suas folhas. Há, pelo menos, cinco espécies de ipês-roxo que na verdade dão flores cor-de-rosa. O botânico, o paisagista e o amador amante das árvores desenvolvem uma observação aguçada e assim conseguem diferenciar uma espécie da outra. Pode-se dizer que eles se familiarizam com as espécies de plantas.

A madeira desta espécie é tida como extremamente durável, muito pesada e duríssima. Por isso, ainda é usada para fazer pontes, quilhas de navios, postes, dormentes e outras construções pesadas. É curioso pensar como uma árvore pode produzir uma madeira tão forte! É claro que com esse atributo, a espécie foi muito desmatada. Daí a importância de renovar as populações do ipê-roxo a partir dos plantios de reflorestamento e de uso paisagístico.

Como todos os ipês, este também é um espetáculo da natureza. Na Praça Luís de Camões e Praça Sete de Setembro há exemplares desta espécie para você conhecer e contemplar. E se o Brasil se chamasse "Ipê"?



Jacarandá-da-bahia

Dalbergia nigra

Família: Fabaceae – Faboideae

Período de floração: setembro a novembro

Altura na fase adulta: em média 15 m a 20 m

A caviúna é uma espécie do bioma Mata Atlântica que ocorre principalmente na floresta pluvial litorânea. Sua madeira foi amplamente utilizada na fabricação de móveis de luxo, o que fez com que fosse extensamente desmatada nos estados de São Paulo, do Rio de Janeiro, do Espírito Santo e da Bahia.

O uso de sua madeira na fabricação de pianos e outros instrumentos musicais é mundialmente conhecido.

Esta árvore é muito ornamental, já que seu caule é uma cortiça, sua copa muito aberta e suas flores brancas. Estas se destacam quando em contraste com o verde das folhas delicadas.

Na Praça Sete de Setembro há dois exemplares belíssimos que merecem a declaração de imunidade de corte. O Código Florestal Brasileiro prevê que os municípios declarem árvores isoladas ou em agrupamento como “imunes ao corte”, ou seja, que não podem ser cortadas por nenhum motivo. Ribeirão Preto faz pouquíssimo uso deste recurso legal para proteger suas grandes cidades.

Estudos e conhecimentos científicos sobre plantas, animais, fungos e protozoários embasam as listas de espécies ameaçadas de extinção. Considerando o grau de ameaça, a espécie pode ser classificada como “vulnerável”, “em perigo” ou “criticamente ameaçada”. O jacarandá-da-bahia enfrenta risco extremamente elevado de ser extinto na natureza.



jatobá

Hymenaea courbaril var. *stilbocarpa*

Família: Fabaceae – Caesalpinodeae

Período de floração: outubro a dezembro

Altura na fase adulta: 20 m em média

O fruto do jatobazeiro é muito marcante. Com formato de legume, de cor marrom-escuro, contém duas a quatro sementes envoltas por uma polpa farinácea. A farinha de jatobá é comumente encontrada em empórios e mercearias de produtos naturais. Animais silvestres também se alimentam dessa farinha nutritiva de forte odor.

Não sendo exigente quanto à fertilidade do solo, é encontrado em diferentes fitofisionomias de florestas, inclusive no Cerrado e na Caatinga. Sempre se encontra coberto por folhas – espécie perenifólia – mesmo em períodos de intensa seca.

Essas duas características demonstram grande resiliência perante as mudanças climáticas em curso.

Oferece sombra generosa e densa, pois sua copa é muito frondosa. Apresenta enorme potencial paisagístico para praças, parques e grandes jardins. Em Ribeirão Preto, deveria ser mais empregada nos plantios cujo objetivo seja o de sombrear grandes espaços para fornecer conforto térmico na escala microclimática.

Ainda são encontrados imensos jatobazeiros em todo o interior paulista. No entanto, pela diminuição das populações de pacas, cotias, antas e macacos – animais que dispersam suas sementes –, a propagação natural vem sendo prejudicada.

É na Praça Sete de Setembro que são encontrados três exemplares jovens-adultos.



JEQUITIBÁ-BRANCO

Cariniana estrellensis

Família: Lecythidaceae

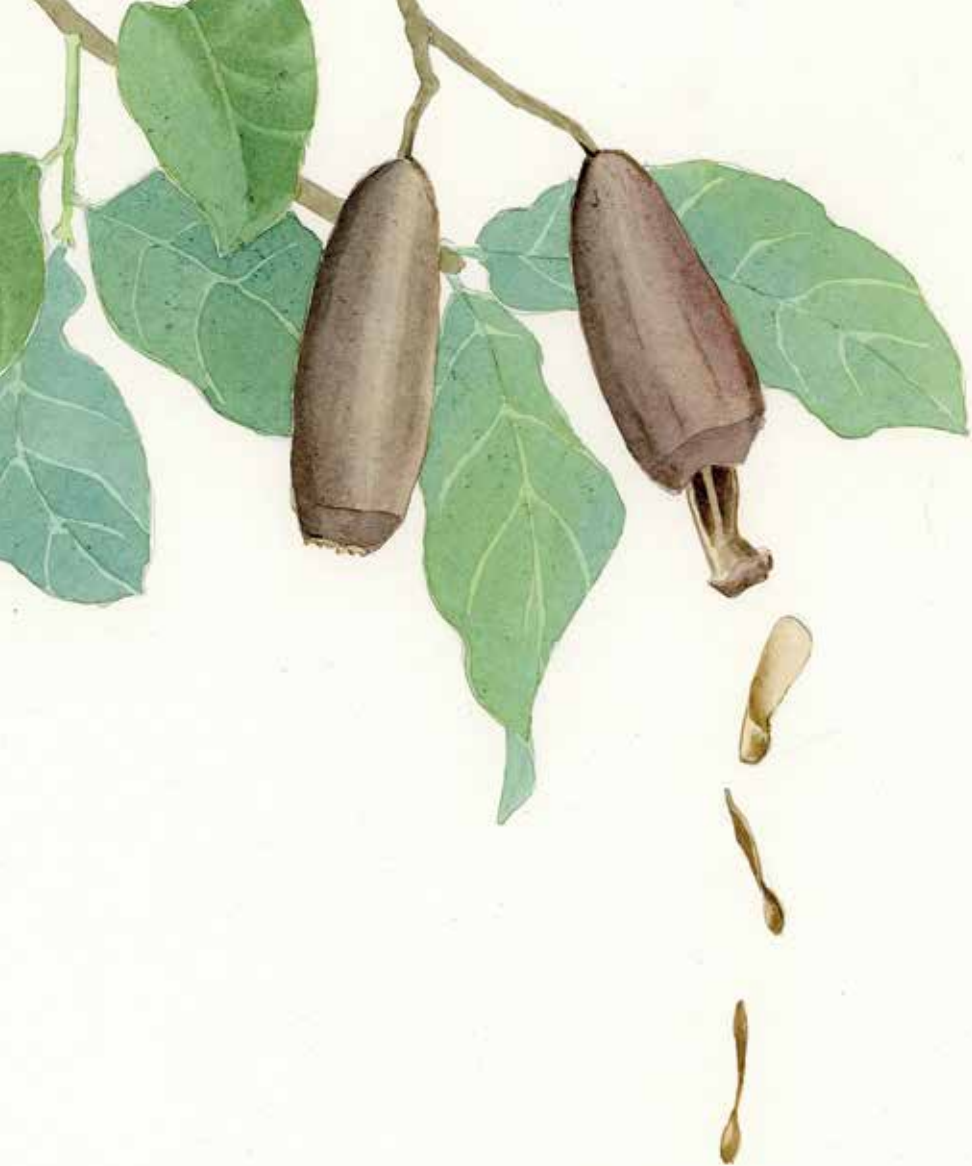
Período de floração: outubro a dezembro

Altura na fase adulta: superior a 30 m

A palavra jequitibá é originária do tupi yekiti'bá, que quer dizer "gigante da floresta". Essa árvore de grande porte é uma espécie típica do bioma Mata Atlântica, mas curiosamente é encontrada em algumas matas ciliares do bioma Cerrado e no Acre – de domínio amazônico. No domínio atlântico, é comum em florestas clímax, ou seja, em florestas maduras que já passaram por todas as fases de sucessão ecológica. Prefere solos úmidos e profundos.

Embora seja encontrado nas matas que restaram em Ribeirão Preto e região, a espécie sofreu corte raso (desmatamento) para uso de sua madeira na construção e na fabricação de móveis. O caule é retilíneo de casca acinzentada e sulcada. A copa é exuberante e fornece sombra generosa. As flores são pequenas, de cor creme ou branca, e perfumadas. Os frutos possuem formato de cápsula, com borda serrilhada e são usados para confecção de cachimbos. As sementes são aladas e, por isso, dispersas pelo vento. Tais sementes são avidamente comidas por macacos.

O jequitibá-branco possui grande potencial de ornamentação em praças, grandes jardins e parques, não sendo recomendado seu plantio em calçadas. A árvore é encontrada em algumas praças do centro; os dois exemplares adultos da Praça Carlos Gomes são maravilhosos e valem a visita.



jequitibá-rosa

Cariniana legalis

Família: Lecythidaceae

Período de floração: dezembro a fevereiro

Altura na fase adulta: entre 30 m e 40 m, podendo atingir até 50 m em ambiente natural

Árvore de grande porte. É uma das maiores espécies brasileiras fora do bioma Amazônia. Ocorre no domínio da Mata Atlântica, tanto na florestal pluvial como na semidecídua. Possui caule ereto de casca fissurada. Sua copa se abre bem no alto, permitindo que outras espécies menores ocupem os estratos inferiores da floresta.

Por possuir madeira em abundância, foi alvo de muito corte raso (desmatamento). Ainda é encontrada nos remanescentes de matas de Ribeirão Preto e região.

As flores são pequenas, de cor creme. Os frutos são pequenos tubos com borda lisa e usados para confecção de cachimbos. Por ser espécie melífera, a polinização é feita por abelhas. As sementes são aladas, dispersas pelo vento.

O jequitibá-rosa possui enorme potencial paisagístico, visto seu porte, elegância e beleza do tronco. Deve ser utilizado em grandes praças e em parques urbanos. É possível encontrá-lo na maioria das praças do centro da cidade. Na Praça Luís de Camões existem belos exemplares adultos. No Parque Estadual da Vassununga, em Santa Rita do Passa Quatro, é encontrado o mais belo e maior exemplar dessa espécie que se tem notícia. O gigante jequitibá tem 45 m de altura e 4 m de diâmetro (mais de 12 m de circunferência). Estima-se sua idade entre 600 e 700 anos.



JERIVÁ

Syagrus romanzoffiana

Família: Arecaceae (Palmeiras)

Período de floração: o ano todo, com maior frequência de setembro a março

Altura na fase adulta: 20 m em média

Para o Veredas Urbanas, não poderíamos deixar de fora a grande família das palmeiras. O jerivá, sem dúvida, é seu melhor representante, visto que ocorre naturalmente nas matas da região, bem como é largamente empregado no paisagismo local. Trata-se de um belo coqueiro de caule solitário e liso. Os exemplares das praças Sete de Setembro e das Bandeiras merecem uma visita.

Os frutos possuem fibras e mucilagem, o que os torna comestíveis e conferem à árvore nomes não muito apetitosos: coco-de-catarro, coco-babão ou baba-de-boi. Mas esqueça os nomes e prove os coquinhos. São adocicados e carnosos. Suas cores transitam do amarelo-escuro até o vermelho, passando por um alaranjado intenso. A frutificação ocorre ao longo do ano todo, principalmente no verão. Mas não é só gente que aprecia esses coquinhos. Os psitacídeos (família dos papagaios, araras e maritacas) se fartam em seus cachos. Tucanos, sanhaços, sabiás, saíras, tico-ticos, tuins, pica-paus, entre outros, se alimentam constantemente dessa generosa palmeira. Daí a importância de mantê-las saudáveis nas cidades e no campo.

Apesar de ser uma espécie do domínio da Mata Atlântica, a palmeira jerivá pode ser usada em outros biomas, pois se adapta bem às diferentes condições de solo e clima.



Paineira

Ceiba speciosa

Família: Malvaceae

Período de floração: março a maio

Altura na fase adulta: 20 m em média

Em 1995, Ribeirão Preto sediou a 46ª edição do Congresso Nacional de Botânica na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP). O símbolo que figurava nas peças de divulgação era um ramo florido e frutos da paineira-rosa – ilustração de Hiroe Sasaki. Os organizadores não poderiam ter feito escolha melhor, já que a espécie é encontrada em todo interior paulista.

As paineiras-rosa florescem todo mês de março e permanecem assim até maio. Mas é em abril que se nota o esplendor verde-e-rosa na paisagem. A Páscoa coincide com as paineiras no auge de sua beleza. Os frutos surgem logo após a floração, mas somente em agosto e setembro, quando os ventos são mais intensos no Centro-Sul do país, é que se abrirão para dispersar suas sementes envolvidas pelas painas.

As painas – fibras brancas – já foram muito utilizadas em colchões e travesseiros. Acredita-se que hoje seja pouco usada para esse fim. A madeira é leve e pode ser usada na confecção de canoas, gamelas e cepas de tamanco.

O tronco quando jovem possui acúleos – estrutura semelhante a espinhos – que desaparecem com o seu amadurecimento. A paineira-rosa é uma espécie nativa do bioma Mata Atlântica e é na Praça Luís de Camões que encontramos grandes exemplares dessa árvore.



pau-brasil

Paubrasilia echinata

Família: Fabaceae – Caesalpinoideae

Período de floração: final de agosto e início de setembro

Altura na fase adulta: até 15 m no ambiente urbano

Árvore símbolo do Brasil. Dela é extraída a brasileína, um corante avermelhado retirado do lenho para tingir tecidos e fabricar tinta de escrever. O seu comércio trazia enormes divisas aos colonizadores, ao mesmo tempo que dizimava as populações da espécie nas matas do litoral brasileiro. É simbólico que a árvore que empresta o nome ao país seja a primeira a ser profundamente cortada e dizimada. Originária do bioma Mata Atlântica, ocorre preferencialmente no interior de florestas primárias remanescentes do Ceará até o Rio de Janeiro. É comum no sul da Bahia, região aonde chegaram os primeiros portugueses no século XVI. Prefere terrenos secos e se desenvolve melhor na sombra. Há relatos que no passado existiam exemplares com até 30 m de altura em ambiente natural.

O verde das folhas é intenso, as flores amarelas se destacam na copa que se abre de modo elegante e amplo. Possui enorme potencial paisagístico, embora seu crescimento a sol pleno seja lento. Tem sido plantada em espaços livres públicos por todo o país, o que é desejável. As praças centrais de Ribeirão possuem algum exemplar, à exceção da Praça das Bandeiras. A madeira atualmente é empregada para a confecção de arcos de violino. Um uso nobre, mas espera-se que seja a partir do corte de árvores de reflorestamento.



pau-d'alho

Gallesia integrifolia

Família: Phytolaccaceae

Período de floração: fevereiro a abril

Altura na fase adulta: 20 m a 25 m

Se você estiver caminhando pela cidade e sentir um forte cheiro de alho, pode esperar por uma bela chuva. É o sinal que o pau-d'alho dá quando a umidade do ar é alta e a chuva está perto. E depois do aguaceiro continuamos a sentir o odor desta frondosa árvore.

Ela prefere solos úmidos e profundos e é uma excelente indicadora de terras férteis. Na aquisição de uma propriedade rural, a ocorrência desta espécie é usada para aferir um padrão de terra boa. Nativo da floresta estacional semidecídua no Brasil, mas também ocorre no Peru, no Equador e na Colômbia.

Árvore de grande porte, fornece sombra o ano todo. As folhas são grandes, lisas e coriáceas. As flores são pouco vistosas aos olhos humanos, mas muito visitadas pelas abelhas, que fazem a sua polinização. Os frutos são secos, pequenos, leves e disseminados pelo vento.

Na cidade são encontrados exemplares no Parque Morro de São Bento e no centro, na Praça Luís de Camões. Nos últimos anos tem sido observada a morte de parte dessas árvores, o que tem preocupado biólogos e ecólogos da cidade. A primeira hipótese sugere que algum fungo ou broca possa ser a causa da mortalidade. A segunda hipótese seria o estresse causado pela intensificação da seca na última década; um fenômeno das mudanças climáticas.



PAU-FERRO

Caesalpinia ferrea var. *leiostachya*

Família: Fabaceae – Caesalpinoideae

Período de floração: novembro a fevereiro

Altura na fase adulta: 20 m a 30 m

O tronco do pau-ferro é ornamental, cilíndrico, liso e marmorizado. A descamação da casca resulta em porções com coloração esbranquiçada. Numa praça, parque ou mata o caule se destaca, ao ponto de acharmos que seja algo exótico ao ambiente. Por essas características, muitas vezes é confundido com o eucalipto.

Na Praça Sete de Setembro, veja com seus olhos o que você acaba de ler.

São árvores imponentes, que atingem até 30 m de altura! A copa fornece boa sombra. As flores amarelas são visitadas por espécies de abelhas melíferas em busca de pólen e néctar e são elas as principais responsáveis pela polinização.

Trata-se de uma espécie introduzida na região de Ribeirão Preto. É endêmica do Brasil, ocorrendo do Piauí até São Paulo na floresta da encosta atlântica. Diz-se que uma espécie é endêmica quando ela ocorre apenas num local ou território.

O pau-ferro prefere solos úmidos das várzeas e dos fundos de vale. Embora tenha essa preferência, tem sido observado sua queda durante chuvas fortes. Assim, não é recomendado o seu plantio em locais com grande circulação de veículos e pessoas. Pode ser plantado em praças, parques e residências que possuem extensos quintais e jardins. Não é recomendado em calçadas, canteiros de avenidas e pequenas áreas de escolas.



PEROBA-ROSA

Aspidosperma polyneuron

Família: Apocynaceae

Período de floração: outubro-novembro

Altura na fase adulta: 25 m a 35 m

Esta espécie de peroba ocorre principalmente na mata semidecídua da Bacia do Rio Paraná. No auge da cultura cafeeira no interior paulista e paranaense, nos séculos XIX e XX, era usada como indicativo de solos profundos e férteis, orientando aqueles que desejavam comprar propriedades para plantar café.

Em fotos antigas, não é raro que apareçam pessoas orgulhosas da derrubada de uma grande peroba-rosa. A ultrapassada noção de desenvolvimento ainda presente, agora corrói a floresta amazônica. Sua madeira é muito cobiçada.

O caule é cilíndrico, ereto, de coloração clara e fissuras profundas na casca. Na parte interna a madeira é cor-de-rosa. Suas folhas são lisas e lustrosas. É uma planta perenifólia, que mantém a copa com folhas durante todo o ano. Os frutos se abrem para que as sementes, que possuem abas, sejam levadas pelo vento.

No Bosque Fábio Barreto, há dois exemplares centenários, que merecem uma visita. Considerando seu grande potencial paisagístico, a espécie foi plantada em quase todas as praças do centro. Os jovens-adultos da Praça Sete de Setembro vêm se desenvolvendo de modo muito saudável.

Uma maneira curiosa de reconhecer a espécie de uma árvore é lamber sua madeira. Esta peroba é amarga, daí a origem de um de seus nomes populares: peroba-amargosa.



sapucaia

Lecythis pisonis

Família: Lecythidaceae

Período de floração: setembro e outubro

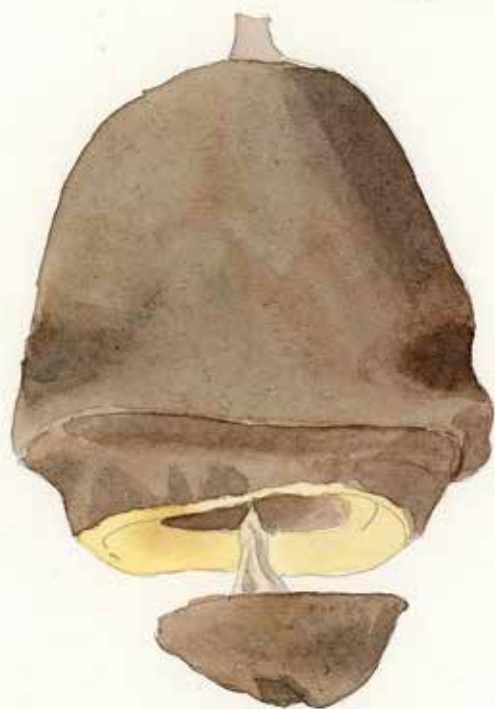
Altura na fase adulta: 20 m a 25 m

Árvore de grande porte. O tronco é marcante, revestido por casca acinzentada, espessa e repleto de fissuras. As folhas novas são róseas ou lilases e essa característica confunde as pessoas, que pensam serem suas flores. A copa é exuberante, oferecendo uma das sombras mais generosas que se conhece. As flores são violeta e aparecem com a troca de folhas. Se vistas de cima, o efeito das cores das folhas novas e das flores é algo encantador. Este fenômeno pode ser apreciado no início da primavera.

Os frutos possuem o formato de uma cumбуca, são grandes e usados como recipiente ou ornamento em moradias rurais. Quando abertos, liberam as sementes por queda espontânea, elas são fonte de óleo vegetal, comestíveis por humanos e pela fauna.

É originária da Mata Atlântica e ocorre preferencialmente nas florestas da encosta litorânea brasileira; do Ceará ao Rio de Janeiro.

O potencial paisagístico da espécie para ambientes urbanos é enorme; seja pela sua beleza ou pelo sombreamento de grandes áreas. Deve ser utilizada em praças e parques em canteiros com amplo espaço aéreo e subterrâneo. O exemplar existente na Praça Sete de Setembro, próximo ao cruzamento das ruas Florêncio de Abreu e Sete de Setembro é, sem dúvida, um dos mais belos de Ribeirão Preto.



sibipiruna

Caesalpinia pluviosa

Família: Fabaceae – Caesalpinoideae

Período de floração: setembro e outubro

Altura na fase adulta: 15 m a 25 m

A sibipiruna é, provavelmente, a espécie mais empregada na arborização das cidades do Centro-Sul do Brasil. O fato de sua copa ser ampla, alta e permanecer com folhas ao longo do ano, faz com que suas sombras sejam muito generosas e refrescantes. Experimente ficar sob a copa de uma delas e depois dirigir-se para o meio da rua onde não há sombreamento.

As flores são amarelas e desabrocham no início da primavera. O que se pode ver do alto de um prédio são lindíssimos corredores amarelos pela cidade como, por exemplo, nas avenidas Francisco Junqueira e Nove de Julho. Na unidade do Sesc há um belo exemplar de frente para a Rua Tibiriçá. As sibipirunas são árvores guerreiras, pois mesmo sem os cuidados de conservação que deveriam ser empregados pelas prefeituras, elas se mantêm majestosas e contribuem com nosso bem-estar.

A ocorrência original desta espécie é no bioma Mata Atlântica, nas florestas próximas ao litoral, nos estados do Rio de Janeiro, do Espírito Santo e da Bahia. Curiosa é sua ocorrência no Pantanal Mato-grossense, onde recebe o nome de coração de negro. Neste bioma, por desenvolver-se em condições diferentes de solo e clima, apresenta características diversas daquelas que conhecemos no Sudeste e Sul do país.



PARA SABER MAIS

Emergência climática: sentido de agir com urgência perante a evolução e as consequências das mudanças do clima. São duas principais frentes de atuação. A primeira é diminuir as causas que provocam o aquecimento global, tais como: eliminar progressivamente o uso de combustíveis fósseis e zerar o desmatamento de florestas. A segunda é desenvolver meios de adaptação à nova realidade climática como, por exemplo, preparar nossas cidades para eventos meteorológicos mais bruscos e severos.

Sustentabilidade ambiental: conjunto de ações que mantém em equilíbrio o funcionamento dos ciclos naturais de modo a garantir a sobrevivência das espécies e das gerações humanas futuras. Como exemplo, temos o ciclo da água na natureza. Se usada com racionalidade, não faltará água para ninguém. Ser sustentável possui o sentido de ser cuidadoso com os recursos e os serviços ambientais.

Ilha de calor: formada nos grandes centros urbanos pelo superaquecimento de superfícies construídas com materiais que absorvem e refletem muito calor, tais como asfalto, cimento, metais e vidros. Elas se instalam onde a densidade populacional e de edificações são grandes como, por exemplo, na parte central das cidades. As atividades humanas tipicamente urbanas, como o trânsito e a construção civil, também colaboram para sua formação. Há estudos que apontam uma diferença de até 10° C entre o centro e a periferia em grandes metrópoles em alguns dias do ano durante determinados períodos do dia.

Resiliência climática e ambiental: a ideia central de resiliência está associada à capacidade de um ambiente retomar seu pleno funcionamento após passar por distúrbios que o tenham degradado. Resiliência também significa suportar um efeito adverso causado pela ação humana ou pela mudança no padrão e ritmo climático.

Aquífero Guarani: manancial de água subterrânea localizado em grande parte do Brasil (Goiás, Minas Gerais, São Paulo, Mato Grosso do Sul, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul) com continuidade pelos territórios do Paraguai, da Argentina e do Uruguai. Trata-se de uma rocha porosa, denominada arenito, cujos poros estão preenchidos por água. Pode estar confinado, sob um pacote de rocha impermeável, ou aflorante, mais próximo à superfície e apenas com solo por cima. Nestes trechos ocorre a recarga do aquífero com água da chuva. Em Ribeirão é aflorante na zona leste do município.

Vulnerabilidade socioambiental: situação em que uma comunidade ou um país apresenta maior risco de desastres naturais ou provocados pela ação humana. Em uma região semiárida, por exemplo, há uma chance maior de escassez hídrica e consequentes prejuízos à saúde das pessoas, à economia e à sobrevivência da vida como um todo.

Bacia Sedimentar e Magmática do Rio Paraná: extensa região geológica localizada no Centro-Sul do Brasil, coincidente com a área da bacia hidrográfica do Rio Paraná, cujas rochas são de origem vulcânica e formadas a partir da deposição de sedimentos.

Era Mesozoica – períodos Jurássico, Triássico, Cretáceo: a classificação do tempo geológico considera milhares a milhões de anos e está dividida em função de grandes eventos biológicos e geológicos que ocorreram no passado em nosso planeta. A Era Mesozoica, também conhecida como Idade dos Dinossauros, tem início a partir de uma grande extinção de espécies ocorrida há 250 milhões de anos – no final da Era Paleozoica – e vai até 65 milhões de anos atrás, quando ocorre a extinção dos dinossauros. Os períodos Jurássico, Triássico e Cretáceo são subdivisões da Era Mesozoica.

Fisionomias florestais: são os diferentes tipos de florestas que podemos encontrar em um bioma ou em uma ecorregião. Há florestas distintas em função da localização geográfica, pois relevo, solo e clima são fatores que determinam tais diferenças, que podem ser na composição de espécies e/ou na estrutura da mata. Aqui, na porção nordeste do estado de São Paulo, por exemplo, temos duas principais fisionomias florestais: a mata mesófila decídua e a mata mesófila semidecídua.

Espécies arbustivas e herbáceas: os arbustos são plantas lenhosas, assim como as árvores. Lenho é um tecido vegetal que possui duas funções principais: sustentar o vegetal no modo vertical e conduzir a seiva bruta das raízes para a parte aérea da planta. De modo geral, os arbustos não crescem tanto quanto as árvores. As herbáceas são plantas rasteiras, tais como gramíneas e forrações.

Ecossistema urbano: é o ambiente da cidade interpretado pela ecologia científica, ou seja, como ocorrem os fluxos de energia e matéria nas cidades. O ecossistema urbano é fortemente dependente de grandes quantidades de insumos, ou seja, a entrada de combustíveis, água, alimentos, eletricidade, minerais, madeira etc. que garantem o funcionamento das atividades humanas. Uma vez processados, são gerados resíduos e efluentes que quando levados para fora da cidade e não tratados, poluem ecossistemas vizinhos. Também abarca o funcionamento das cadeias alimentares que se estabelecem no ambiente urbano.

Formato ovalado: que possui a forma de um ovo.

Restinga: extensa faixa de areia próxima ao mar onde se estabelece uma vegetação típica de solo arenoso com influência marítima.

Cerradão: fisionomia florestal do bioma Cerrado com espécies de grande porte cujas copas se tocam.

Tronco sulcado e fenestrado: tronco com fendas profundas e descontínuas.

Perenifólia: espécie de planta que se mantém com folhas durante todo o ano.

Globosa: copa com forma arredondada.

Carnoso: fruto que quando maduro é macio e comestível.

Aladas: sementes leves com uma estrutura em forma de asa que podem ser levadas pelo vento.

Sapopemas: raízes que se prolongam do chão até a base do tronco de certas espécies, cuja função principal é sustentação da árvore.

Coriáceas: folhas com aparência e/ou textura de couro. Folhas mais duras.

Imunidade de corte: árvores declaradas por lei como imunes ao corte, ou seja, que não podem ser cortadas sob qualquer justificativa. Características como raridade, porte, valor ornamental e histórico, espécie ameaçada de extinção ou porta-sementes são levadas em consideração para declarar uma árvore como imune ao corte.

Pilosas: folhas, flores ou frutos que contêm pequenas estruturas na superfície que lembram pelos.

Polinização: transferência do pólen da estrutura masculina (antera) para a estrutura feminina (estigma) de uma mesma planta ou de plantas diferentes, mas da mesma espécie. A partir da polinização ocorre a fertilização e assim a formação da semente.

Médio porte: espécies de árvores que na fase adulta atingem em torno de 12 metros a 15 metros de altura com diâmetro de copa que varia de 6 metros a 12 metros.

Grande porte: espécies de árvores que na fase adulta atingem altura superior a 15 metros com diâmetro de copa superior a 10 metros.

Fenologia: as diferentes fases do desenvolvimento das plantas – germinação, crescimento, floração, frutificação, dispersão das sementes e senescência.

Folíolos: subdivisão das folhas.

Dispersão de sementes: a dispersão natural das sementes pode acontecer com o auxílio de agentes como o vento, a água e os animais ou sem a ajuda de algum fator externo. Nestes casos chamamos de queda espontânea.

Sucessão ecológica: processo evolutivo de ocupação natural de uma determinada área pelas diferentes espécies de plantas e animais.

Mucilagem: substância viscosa que na presença de água ganha volume. No sentido botânico é rica em carboidratos, tais como a celulose, amido, pectina etc.

Espécie nativa: atualmente consideram-se duas formas de classificação para espécie nativa: nativo do país e nativo da região ecológica ou de determinada fisionomia de vegetação ou ainda de determinado bioma. Exemplo: a sibipiruna é uma espécie nativa do Brasil que ocorre no bioma Mata Atlântica na floresta ombrófila litorânea. A sibipiruna não é nativa do bioma Amazônia e nem da floresta semidecídua que se encontra no bioma Atlântico.

Várzea: extensão de terra plana próxima à cursos d'água e com solo mal-drenado.

PRAÇA SETE DE SETEMBRO

Rua Sete de Setembro

LEGENDA

- 1 Caroba
- 2 Chichá
- 3 Farinha-seca
- 4 Jacarandá-da-Bahia
- 5 Jatobá
- 6 Jequitibá-branco
- 7 Jerivá
- 8 Paineira
- 9 Pau-brasil
- 10 Pau-ferro
- 11 Peroba-rosa
- 12 Sapucaia
- 13 Sibipiruna

Rua Lafaiete



Rua Florêncio de Abreu

Rua Floriano Peixoto

LEGENDA

- 1 Ipê-branco
- 2 Jequitibá-branco
- 3 Jerivá

PRAÇA CARLOS GOMES

Rua Visconde de Inhaúma

Rua General Osório

Rua Duque de Caxias



Rua Barão do Amazonas

PRAÇA XV DE NOVEMBRO

Rua Álvares Cabral

LEGENDA

- 1 Alecrim-de-campinas
- 2 Caroba
- 3 Ipê-amarelo
- 4 Ipê-amarelo-cascudo
- 5 Ipê-roxo-de-bola
- 6 Ipê-roxo-de-sete-folhas
- 7 Jequitibá-rosa
- 8 Paineira
- 9 Pau-brasil

Calçada Rua General Osório

Rua Duque de Caxias



Rua Visconde de Inhoúma

LEGENDA

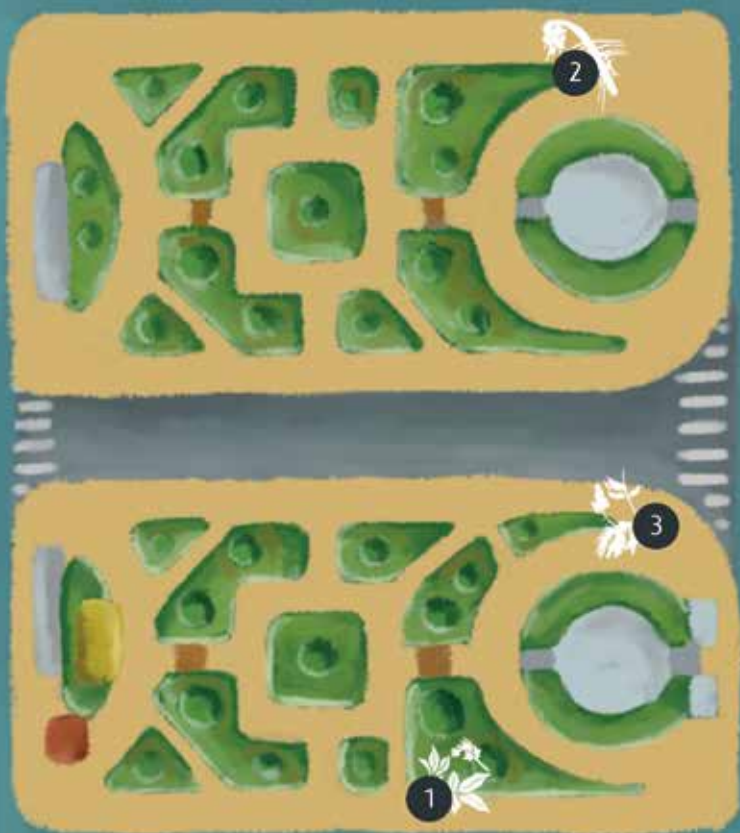
- 1 Ipê-roxo-de-bola
- 2 Jerivá
- 3 Sibipiruna

PRAÇA DAS BANDEIRAS

Rua Visconde de Inhaúma

Rua Américo Brasileiro

Rua Florêncio de Abreu



Rua Tibiriçá

LEGENDA

- 1 Alecrim-de-campinas
- 2 Caroba
- 3 Ipê-branco
- 4 Ipê-roxo-de-bola
- 5 Jatobá
- 6 Peroba-rosa
- 7 Sapucaia

PRAÇA DA CATEDRAL

Rua Visconde de Inhaúma

Rua Florêncio de Abreu

Rua Lafafete



Rua Tibiriçá

LEGENDA

- 1 Ipê-roxo-de-bola
- 2 Jatobá
- 3 Jequitibá-rosa
- 4 Paineira
- 5 Pau-brasil
- 6 Pau-d'alho
- 7 Pau-ferro
- 8 Sapucaia
- 9 Sibipiruna

PRAÇA LUÍS DE CAMÕES



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GUZZO, P. *Prefiro onde o verde prevalece*. Ribeirão Preto (SP): Edição do Autor, 2018.

LAGES, José Antonio Corrêa. Escravidão no oeste paulista – continuidade e resistência: um estudo sobre a última década do trabalho escravo em Ribeirão Preto e São Simão. *Estudos de História*. Franca, v. 2, n. 1, p. 85-102, 1995.

LORENZI, H.; KAHN, F.; NOBLICK, L. R.; FERREIRA, E. *Flora brasileira Lorenzi: arecaceae (palmeiras)*. Nova Odessa (SP): Instituto Plantarum, 2010.

LORENZI, H. *Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas do Brasil*, vol. 1, 5ª ed. Nova Odessa (SP): Instituto Plantarum, 2008.

PEREIRA, M.; HENRIQUES-KOTCHETKOFF, O.; TOZZO, M. G.; POLO, L.; SAKAMOTO, C. H. *Gigantes do bosque: árvores do Parque Municipal do Morro de São Bento*. Ribeirão Preto: os Autores, 2018.

RAMOS, V. S.; DURIGAN, G.; FRANCO, G. A. D. C.; SIQUEIRA, M. F.; RODRIGUES, R. R. *Árvores da Floresta Estacional Semidecidual: guia de identificação de espécies*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Biotá: Fapesp, 2008.

ROMARIZ, D. A. *Aspectos da vegetação do Brasil*. 2ª ed. São Paulo: edição da Autora, 1996.

ROSSINI, M. Ribeirão foi chamada Entre Rios por dois anos. *Folha de S.Paulo*, Ribeirão, 19 jun. 2021.

ILUSTRAÇÕES

Marcelo Kubo

PESQUISA E TEXTOS

Clarice Sumi Kawasaki e Perci Guzzo

REVISÃO DE TEXTO

Samantha Arana | Vírgula

NOVEMBRO DE 2025



FAÇA SUA
CREDENCIAL
SESC



SESC RIBEIRÃO PRETO

Rua Tibiriçá, 50, Centro

Tel.: +55 16 3977-4477

  /sescriveiraopreto

 /sescriveirao

sescsp.org.br/ribeiraopreto

SELO FSC